

A crônica por Luís Martins: dissolução das fronteiras entre jornalismo e literatura¹

The chronicle by Luís Martins: dissolution of the borders between journalism and literature

Carlos Magni²

A crítica de arte, como toda crítica, é um organismo vivo e naturalmente sujeito às influências do meio e do tempo. Está tão ligada à sociologia quanto à estética pura.

(Luís Martins)



Figura 1: Retrato de Luís Martins –
Tarsila do Amaral – 1940

Fonte: Acervo do Banco Itaú – São Paulo/SP.

1 Artigo recebido em 30-7-09. Aprovado em 18-11-09.

2 Doutor em Ciências Humanas e graduado em Letras Modernas pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: carlosmagni@uol.com.br.

RESUMO

Este trabalho entenderá a crônica como um gênero híbrido, ligado tanto ao mundo objetivo das notícias quanto ao mundo subjetivo do cronista. Pelo estudo de algumas crônicas de Luís Martins, cujo temário é a própria produção dessa escrita, recolhemos algumas estruturas discursivas que estão na gênese dessa escrita. Luís Martins foi jornalista e escritor, trabalhou em diversos jornais cariocas e paulistas entre as décadas de 30 a 80 do século XX. Assim, numa aproximação metalinguística, será dada voz ao cronista e jornalista Luís Martins, para que sejam exploradas as fronteiras entre a produção jornalística e a literária. Podemos também entender que esses limites, de fato, deixam de existir quando estamos diante de um produtor que se propõe a rompê-los.

Palavras-chave: Luís Martins. Crônicas. Jornalismo. Literatura. Metalinguagem.

ABSTRACT

This work treats the chronicle³ as a hybrid literary genre, attached to the *objectif world of the news and also close to the subjectif view of the writer*. The studies of the Luis Martins's chronicles (who creates some writings talking about the chronicals) will lead us to detect some discursive structures belonging to this genre. Luis Martins was a journalist and a writer who worked for 50 years in a lot of *paulistas*⁴ and *cariocas*⁵ newspapers. Than, the metalinguistic approach help us to explore the limits between the journalism and the literature, or even, *understand that those limits don't exist when the writer wants to break them*.

Keywords: Luís Martins. Chronicals. Journalism. Literature. Metalanguage.

Introdução

Parte-se do estudo da obra do escritor e jornalista Luís Martins e de sua produção literária na imprensa e na cultura paulistas. Os escritos luismartinianos, seu pensamento, suas ideias e suas críticas participaram por mais de quarenta anos do cenário cultural paulista. Luís Martins foi um romancista premiado, crítico de arte reverenciado, jornalista participativo e cronista ativo nas questões culturais. Nesse período, escreveu intermitentemente no jornal do qual foi cronista absoluto – *O Estado de S. Paulo*. Seu olhar e obra tornaram-se um meio profícuo para o entendimento das mudanças, tanto espaciais quanto culturais, que ocorreram na cidade de São Paulo durante os meados do século XX. Durante o período analisado, a cidade de São Paulo iniciava numa busca frenética por uma identidade americana, e Luís Martins pôde, através de sua escrita, representar esse período de intensas transformações.

3 The “chronicle” is a Brazilian genre literature (short stories, thoughts or a view of the world). This genre is almost written in first-person narrative; it presents the events and characters in a subjective way. It is edited by the newspapers or magazines.

4 Adjective that describes which belongs to the city of São Paulo – Brazil.

5 Adjective that describes which belongs to the city of Rio de Janeiro – Brazil.

A crônica é o gênero literário privilegiado neste trabalho. Gênero híbrido (também jornalístico) é, segundo a Prof.^a Dr.^a Lopez, um meio dos mais profícuos para se entender o mundo contemporâneo. Um mundo tão rápido em suas manifestações culturais, como também são rápidas as mudanças no seu espaço físico. (LOPEZ, 2002). Por mediação da literatura são estudados a imaginação, os afetos e as crenças que orientam o homem na intrincada rede de significações e identidades cotidianas.

Candido (1972) considera que a criação literária tem sempre uma intimação do mundo real e a ele está indissolivelmente atrelada. Para essa conformidade, contribui o fato de que, quando se procura entender o mundo pela literatura, encontramos a mesma plasticidade, a mesma fusão entre matéria e psíquico. Na opinião de Candido, a fantasia nunca é pura: “Ela [a fantasia] se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis porque surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade.” (CANDIDO, 1972, p. 804).

Luís Martins: um bom sujeito

“Daqui lhe mando o meu abraço, Luís Martins.
Você está fazendo 50 anos, e nós nos conhecemos há 21.

Se depois de tanto tempo de conhecimento
mútuo ainda sobra motivo para um abraço de verdade,
é porque no mínimo um de nós é bom sujeito,
e receio que esse um, exclusivo, seja precisamente você.

Aliás, não tenho dúvida sobre isso:
você é dos melhores sujeitos que já conheci,
e fico satisfeito quando um amigo comum me previne:
o Luiz Martins⁶ está na Terra.”

(Carlos Drummond de Andrade)⁷

Luís Martins: um bom sujeito. Esse foi o epíteto recebido pelo escritor de seu amigo Carlos Drummond de Andrade. Ligado às artes e à cultura de seu tempo, é tratado por Drummond como um verdadeiro “pé-de-boi” da crônica brasileira. Luís Martins escreve, modestamente, que jamais alcançou os requintes literários de alguns de seus contemporâneos. Porém, basta entrar em contato com seus escritos para perceber que essa afirmação, mesmo que denote discrição e reserva,

6 ANDRADE, Carlos Drummond de. *A vez de Luiz Martins*. *A Tribuna*, Rio de Janeiro, mar. 1957.

7 A família do escritor (após sua morte) padronizou a escrita como “Luís” com acento e com “S”. No artigo aparece com “z” apenas quando é citado por Carlos Drummond de Andrade em artigo da década de 40.

está longe de ser verdadeira. Percorrer suas crônicas é entrar em contato não apenas com as mais autênticas expressões da cultura brasileira, como também é deparar-se com um mundo interior instigante, pleno de inquietações e de profundo lirismo.

Luís Martins nasceu carioca, na Rua Bela de São João. Não era realmente uma bela rua, mas foi ali que o escritor travou os seus primeiros contatos com o mundo. Uma rua como outra qualquer, como ele mesmo descreveu em crônica de 1952. Ligado ao mundo dos sonhos e dos devaneios, para Luís Martins, ter nascido numa rua com tão sugestivo nome era quase um destino.

Em *Rua Bela* [talvez o nome seja mais poético do que a própria rua], vemos a narração de uma paisagem colorida pelas **intenções** e **afetos** do próprio indivíduo. A história de Luís Martins inicia, então, nessa *Bela Rua de São João*, uma rua travestida em uma Pasárgada obscurecida e perdida no tempo, todavia, enriquecida pela memória da infância. A Bela Rua de São João tornou-se o abrigo recôndito, de um homem que perseguiu a fantasia e a contemplação, e que, por meio de linguagem apurada, nos coloca em contato não apenas com a rua onde nasceu, mas também nos descreve, com maestria, as cidades em que viveu. Narrou também o seu mundo e a brasilidade, foi testemunha insistente e perspicaz do encantamento e do desamparo que ocorreram – a partir das transformações econômicas e culturais – na sociedade paulista e brasileira do século XX.

Declaro solenemente que não me conformo. Jamais hei de nascer na Rua Piratini. Nasci na Rua Bela de São João e, como dela conservo uma recordação confusa, posso ainda hoje considerá-la realmente bela, larga e longa avenida de um país maravilhoso da região da Pasárgada, onde repousa para sempre a minha infância.⁸

Perseguido pela política persecutória de Getúlio Vargas, foi obrigado a refugiar-se na cidade de São Paulo durante a década de 30. São Paulo passa a ser a cidade na qual viverá e a qual retratará até a sua morte no início dos anos 80. Luís Martins desaparecerá desse mundo na mesma estrada que percorreu durante quase toda a sua vida e que ligava as duas cidades que mais amou: Rio de Janeiro e São Paulo.

Nos escritos de Luís Martins, a civilização brasileira é considerada desde seus aspectos mais coloridos e vibrantes até as mazelas de uma sociedade intensamente injusta e cruel. Ele retratou tanto as manifestações de uma elite cultural paulistana, europeizada e confiante, como as demonstrações da cultura popular esfuziante e

8 Luís Martins, *Rua bela*, OESP, 9-2-1952.

vivaz, por vezes melancólica e impotente. Do alto modernismo paulista à cultura do carnaval de rua, tudo foi registrado pelo olhar de um homem atento e cuidadoso, ponderado e maduro, e que se dedicou ao registro do cotidiano durante quase cinquenta anos. A natureza, o espaço brasileiro, as festas populares, os grandes artistas, a alma e a psicologia brasileiras são narrados em episódios cotidianos.

Luís Martins era um homem que não se furtava às contradições que atingiam – e ainda atingem – a cultura brasileira. Numa *escrita tensiva* e complexa, as incoerências de uma sociedade conflitante somam-se à incompreensão e ao estarecimento do homem. Por mediação da acolhida de uma narrativa viva, vemos a presença sensível de um enunciador que se distancia de uma abordagem estática do mundo e assume os diferentes e concomitantes “estados de alma” que permeiam a subjetividade brasileira.

O protesto inócuo, o protesto de simples palavras sem eco e sem qualquer conseqüência, também faz parte da psicologia nacional. Vagamente todos nós somos do contra, embora raramente saibamos transformar nossa fúria oposicionista em ação.⁹

A crônica e as ciências humanas

O mundo moderno foi composto por uma sedimentação de grandes entidades que se impuseram com maior veemência a partir do século XVII: a história, a política, a economia, o indivíduo, etc. Diante desses conceitos, Maffesoli (2002, p. 169-170) insiste dizendo que é um pouco difícil encontrarmos “um concreto mais extremo” que se traduz pela vida de toda a gente.

As histórias do dia a dia são em sua maioria situações imperceptíveis, são tramas que também constituem o tecido comunitário da sociedade contemporânea. Em muitos momentos, nos dizem muito mais em termos de qualidade e significância do que os grandes fatos. Para Maffesoli (2002), a história do cotidiano é a própria cristalização do “tempo em espaço”, e num momento simbiótico, a história do lugar passa a ser também a história do indivíduo.

A crônica capta esses elementos que são, à primeira vista, insignificantes: odores, imagens, ruídos. São fragmentos que se transformarão em uma espécie de *Diário dos Costumes*, modos de amar, de pensar e de fazer. Há um profundo laço entre o espaço e o cotidiano, uma relação na qual o espaço é depositário de uma sociabili-

9 Luís Martins, *Cenas de todos os dias*, OESP, 17-5-1950.

dade por vezes obscurecida diante das altas tradições culturais. Os protagonistas da vida diária estão imersos em um dinamismo envolvido pela lógica da descontinuidade e, não raramente, também são sujeitos que se exprimem num trágico que o próprio cotidiano é capaz de nos trazer. (MAFFESOLI, 2002, p. 175).

Leio todos os dias os jornais com a desatenção maquinal com que se pratica um ato cotidiano – escovar os dentes ou fazer barba – e eles, os jornais, não me trazem a paz nem a guerra. Ruminam todos os minutos idéias que ao menos a mim mesmo parecem interessantes ou originais, e não sinto a mão bastante ágil para captá-las e trazê-las docilmente ao papel, transformadas em palavras e frases. Verifico com melancolia que o tempo passa pelo acréscimo das unhas e dos cabelos, que me obriga a passagens mais ou menos aborrecidas pelo barbeiro e manicura, esses restauradores artificiais da aparência física dos homens. Os acontecimentos se tecem em torno de mim como as **ervas** e os **parasitas** crescem em torno de uma pedra indiferente, envolvendo-a sem penetrá-la, o que faz da pedra uma referência imóvel do tempo, e dos parasitas e das ervas a imagem efêmera e palpitante da vida.¹⁰

A crônica, como gênero jornalístico e literário, desliza com facilidade por entre os simples acontecimentos – anódinos e banais – até as grandes questões da existência humana. Em certos momentos, as ações cotidianas esvaziam os sentidos dos afazeres diários, destituindo o interesse pelo mundo, pelos fatos e pelas ideias. A própria produção da escrita é submetida a essa implacável força de achatamento imposta pelo cotidiano. A aspereza trágica dessa *dimensão perceptiva do mundo* pode torna-se uma **medusa insensível** que imobiliza e petrifica o narrador. Porém, um cronista atento, sensível ao mundo, recria essa dura banalidade e a devolve ao leitor sob significações que anulam a severidade improdutiva do cotidiano alienante, instigando a reflexões e a discussões.

A crônica na comunicação pós-moderna

Entre as diversas características que se convencionou nomear de pós-modernidade, podemos ressaltar a dissolução crescente entre as linhas limítrofes que outrora separavam a alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular. Para Jameson, um ponto crucial no desenvolvimento acadêmico na contemporaneidade é justamente a dificuldade em traçar uma linha que separa a alta arte – relacionada a uma cultura de elite – das formas mais comerciais difundidas e promovidas pelos meios de comunicação. Estão incluídas nessas produções modernas a *paraliteratura* e seus *best-sellers*. (JAMESON, 2006, p. 18). Nesse ambiente cultural, a crônica é gênero literário nascido e desenvolvido essencialmente nos meios de produção jornalísticos. Ela está

10 Luís Martins, *Crônica de muito tédio*, OESP, 20-1-1952.

caracterizada pela abrangência e massificação. Insurge, em tempos atuais, como meio literário cujas características híbridas, ou seja, atada aos fatos do mundo e à subjetividade do narrador, lhe conferem uma grande maleabilidade discursiva. Assim, a flutuação nos contornos estilísticos imprimidos às crônicas, retira-lhe de uma rigidez e atribui-lhe uma desenvoltura. Uma agilidade importante já que vivenciamos um mundo cultural, no qual, segundo as próprias palavras de Jameson, algumas “teorias” passam a ser, ao mesmo tempo, todas e nenhuma dessas coisas.

Uma indicação bem diferente dessa abolição das antigas categorias de gêneros e discurso de ser encontrada no que, por vezes, chamamos de teoria contemporânea. Na geração anterior ainda havia um discurso técnico da filosofia profissional – os grandes sistemas de Sartre ou dos fenomenólogos, a obra de Wittgenstein, a filosofia da linguagem comum ou analítica –, à margem do qual ainda se podia distinguir aquele discurso bem diferente das outras disciplinas acadêmicas – da ciência política, por exemplo, ou da sociologia e da crítica literária. Hoje em dia, cada vez mais, tem um tipo de escrita simplesmente chamada de “teoria”, que é ao mesmo tempo, todas e nenhuma dessas coisas. (JAMESON, 2006, p. 19).

A crônica revela-se *através* de inúmeras janelas para o novo espaço cultural construído, uma espécie de “hipergênero”, multiplicando-se em possibilidades de absorção e tratamento. Ela cristaliza variadas experiências perceptivas a que o homem pós-moderno começa a ser submetido. Assim, crônicas-odes, crônicas-monólogos, crônicas-filosóficas, crônicas-imaginativas, crônicas-históricas, crônicas-crítico-literárias, crônicas-testemunhos, dentre outras formas inventivas de narração, passam a compor o repertório de um mesmo cronista, cujos múltiplos narradores surgem da própria necessidade de apreensão e *digestão* de uma nova espacialidade cultural.

Jameson (2006, p. 19) escreve que uma nova cultura começou a se formar a partir da década de 60, uma cultura voltada à massa e profundamente midiática. Uma mudança que toma corpo na sociedade ocidental a partir dos anos 60 com a constituição de um capitalismo tardio e que passa a exigir novas leituras do homem sobre o mundo que o cerca. São mudanças apreensivas e inquietantes que não passam despercebidas por Luís Martins, grande divulgador do alto modernismo brasileiro, que já relatava, em crônicas desse período, certa mudança nos modos de ver o mundo e as suas correlatas estéticas.

Assim, sob o impacto da inaugurada era atômica, após o início da ampliação das fronteiras humanas para um espaço sideral, encontramos um narrador estarrecido diante das inovações tecnológicas, um narrador já nostálgico de conhecidas estéticas que parecem iniciar um processo de fossilização diante do progresso iminente. O assombro do novo e a imposição da história deslocam o narrador da sua confortável posição de antigo conhecedor do mundo.

No entanto, apesar da desagradável sensação de estar sendo ultrapassado pelos eventos contemporâneos, a escrita, misto de desabafo e desencanto, sob tons de apelos nostálgicos, consegue inserir o narrador no próprio mundo do qual se distancia na medida em que tudo se desfaz. A crônica recupera o seu produtor para o mundo, ela não permite que vozes se calem sem um “regurgito” de insatisfações nascidas de uma realidade de transição em que o obsoleto e o novo se confrontam.

Já alguns espíritos clarividentes vêm vaticinando a morte iminente da pintura, pelo menos de uma forma de criação estética (servida por processos, ingredientes e materiais técnicos tradicionais) que nos habituamos a chamar pintura. Temo bem que a poesia – encarada como arte e técnica do verso – vá pelo mesmo caminho. Acredito numa espécie de determinismo histórico, e julgo que nenhuma nova forma de arte surge e se impõe sem “necessidade”, como reflexo e expressão de uma sensibilidade que anda no ar, em forma latente, e que o artista, integrado em sua época, pressente e capta melhor do que ninguém. (As experiências concretistas são tão autênticas e justificáveis como quaisquer outras). Apenas tenho saudade de uma coisa que eu considerava pintura, de outra coisa que julgava poesia. Positivamente, sou um repulsivo romântico.¹¹

Sob o empenho e a força da fantasia, um cronista pode encontrar seus assuntos dentre todos os fenômenos que estão ligados ao dia a dia. O consentimento tácito, entre o cronista e seu leitor, permite que a crônica seja um meio de solidificação dos mais múltiplos e variados assuntos. Eventos que poderiam passar despercebidos por outros produtores culturais, mas que encontram, na escrita da crônica, ampla expressão para os seus registros.

Com um pouco de esforço e fantasia, tudo pode tornar-se assunto de crônica. Já me acostumei a extrair palavras e frases das coisas mais insignificantes, e mesmo agora, quando tão vazio me sinto, reconheço que vários temas possíveis me rodeiam: essa chuva que molha os vidros da janela, uma carta em cima da mesa, dois livros de versos e quatro romances recebidos, este cinzeiro que comprei em Pierrefons, na França, esse cachimbo que comprei nos “Andes”, este cansaço e esta prostração que comprei da vida.¹²

Assim, de um simples retorno noturno dos compromissos do dia a dia, o cronista, dentro de um automóvel, narrará paisagens sensíveis, em meio aos ares pacatos da noite paulistana da década de 50. Do prosaico e do banal, nascem paisagens literárias que conservam o lirismo de tempos tranquilos, de bairros ajardinados, outrora distantes da centralidade urbana. Paisagens que poderiam estar irremediavelmente perdidas pelas mudanças ocorridas na cidade, mas que podem ser revividas e apreciadas por meio da leitura. Atualmente, Ibirapuera e Aeroporto

¹¹ Luis Martins, *Neo-Romantismo*, OESP, 4-2-1960.

¹² Luís Martins, *Numa tarde de chuva*, OESP, 23-1-1954.

são referências da intensa urbanização da cidade, que cresceu e envolveu esses espaços que não mais desfrutam do pitoresco nem do campestre som dos animais noturnos nem do cricrilar despreocupado dos grilos indiferentes ao mundo dos homens. São percepções e alusões a noites imersas em entorpecentes evocações de memória bucólicas.

Todas as noites passo, por obrigação, pela estrada que leva ao Aeroporto. Já me familiarizei com o caminho e a paisagem, mas quando o automóvel se despede das luzes do Ibirapuera e começam a oferecer, margeando a estrada, as casas e, em meios de Jardins – modestas umas, suntuosas outras – perdidas no silêncio da noite, é como se eu penetrasse num mundo mágico e antigo, há muito soterrado no tempo e na distância; um mundo irreal e que apenas sobrevive às vezes nos sonhos, com uma aparência fantasmagórica de miragem. [...] Em torno da lâmpada, devem esvoaçar insetos; se o carro parasse um instante, eu poderia ouvir o barulhinho dos grilos nas moitas próximas. E deve haver o cheiro tranquilo, doce e acariciante de um jasmim do Cabo.¹³

O discurso episódico do mundo

Para Dijk (2004, p. 40) o episódio discursivo está intimamente ligado à análise semântica – cuja estrutura superficial seria o parágrafo – entretanto, ele está situado além dessa compreensão. O episódio, tanto na análise discursiva quanto no discurso do cotidiano, está estruturado como a parte de um todo. Desse modo, o episódio tem, em termos temporais, início e fim. Tanto a parte como o todo envolveriam sequências de eventos e ações. Dessa maneira, apesar de se apresentar estruturalmente como um evento segmentado, o episódio estabelece com o “todo” uma íntima relação de unidade.

A crônica apresenta-se ao seu leitor como texto completo e independente. Isso se deve a sua coerência textual, cuja sequência de proposições cristaliza um evento no cotidiano. Em sua unidade semântica há uma clareza de unidade temporal – um início e um fim. É um gênero de narração de fatos e eventos relacionados a um mundo crível. Há, ainda, a adesão à realidade mundana e aos contextos sociais que lhe dão integridade e pertinência interpretativa.

O cronista apresenta seu conhecimento do mundo por mediação da sua escrita, disso não se tem dúvidas. Porém, indagamos se haveria um único texto no qual poderíamos nos apoiar para gerar e compreender suas opiniões e crenças avaliativas sobre os fatos? A representação conceitual do seu mundo é construída através de extensivas experiências prévias.

13 Luís Martins, *À noite, na estrada*, OESP, 22-6-1954.

São condutas e atitudes que nos são reveladas gradualmente por meio de suas crônicas. Pelos seus narradores, o cronista estabelece um contínuo fluxo de informações entre o seu presente e o seu passado; seus escritos poderiam ser entendidos como verdadeiras memórias episódicas do seu processo de interpretação do mundo.

Poderíamos entender uma crônica como uma manifestação episódica do vasto mundo mnemônico de um cronista. A grande referência unificadora dessas crônicas é o contexto referencial desses escritos, ou seja, o próprio mundo do cronista. Assim, perseguir os narradores de um cronista é tentar reconstituir-lhe um mundo espelhado, recriado pela sua escrita, ao mesmo tempo que se constrói um mundo de representações de ordem objetiva e subjetiva. Objetos e eventos distribuem-se no tempo e no espaço. São fatos articulados e colados uns aos outros pela motivação dos narradores, das suas intenções, dos desejos e das vontades.

A crônica é também gênero jornalístico, então, caracterizado pela rapidez (não há tempo para uma descrição minuciosa da realidade) por isso, o cronista narra com agilidade, pressionado pelo exíguo prazo existente entre a escrita e a publicação. Essa aceleração da atividade criativa impõe ao produtor uma seleção do mundo a ser narrada. A crônica concentra-se, conseqüentemente, em poucos objetos. Assim, o assunto é conduzido especialmente pelos acontecimentos mais significativos que cercam o cronista no momento da escrita.

A pequena crônica que se segue é um exemplo disso. Reduzir as análises das crônicas literárias a um grande *assunto*, como é a percepção da cidade de São Paulo, é uma tarefa árdua e, como poderemos observar, não se realiza por meio de um único momento de criação. Essa característica episódica da produção da crônica foi descrita por Luís Martins no momento em que lhe foi solicitado uma crônica sobre São Paulo.

Cotidianamente, há muitos anos, escrevo crônicas em que as coisas de S. Paulo são assuntos freqüentes, mas confesso que nunca me senti tão embaraçado como agora, quando me pedem que condense, em lauda e meia um comentário sobre a cidade de São Paulo. Como fazer caber em tão limitado campo de palavras uma tão ampla paisagem humana, como transformar em crônica arranha-céus e taperas, avenidas e buracos, C.M.T.C. e Light, artistas-pintores e Bienais, literatos e banquetes literários. Cicilo Matarazzo e Jânio Quadros, novelas radiofônicas e espetáculos do Municipal, as torres da Catedral e os cortiços dos bairros proletários, os “Cadillacs” de luxo e a falta de condução, as “boites” e os “infernhos”, o tubarão e o mendigo, o vereador e o tarado e a senhora

de “café society” e a mocinha de “taxi-girls”,¹⁴ misérias e grandezas, belezas e abjeções – tudo isso e o céu também, que São Paulo também é céu de maio,¹⁵ exuberância de jardins, garoa londrina, elegância londrina, elegância parisiense e “pizza” napolitana.¹⁶

A redundância significativa

A crônica, por estar ligada diretamente aos fatos do cotidiano, é um gênero que está apto a absorver os eventos que se sucedem no cotidiano da sociedade. Essa presença diária dentro dos acontecimentos sociais registra os mais diferentes episódios. Atitudes, condutas e ações de personagens – tanto ilustres quanto desconhecidos – não passam despercebidas pelo narrador atento.

São manifestações particulares e coletivas que permeiam as próprias estruturas políticas, econômicas e culturais da sociedade e que são prontamente registradas por este gênero. Pela própria característica da crônica em ser uma atividade diária, ela tem o valor de cristalizar as insistências comportamentais dos membros que constituem a sociedade que retrata. Se, à primeira vista, nos surpreendemos com certa redundância temática escolhida pelos narradores, logo descobrimos que essa insistência em torno de um mesmo assunto passa a ser muito significativa.

Assim, temos, em uma crônica humorística de 1951, uma proposta que é a previsão para um futuro próximo. Vemos, conseqüentemente, um narrador astuto em servir-se da mesmice das ações repetitivas dos membros mais ilustres do seu meio social. Nesse caso, o futuro é presumível; construído pelas mesmas condutas reprováveis dos membros que compõem sua elite.

O narrador utiliza a ironia e a comicidade ao prever um futuro no qual seus mais nobres representantes estão preocupados apenas com o aumento dos seus já altos salários. Aqui, o narrador finge usar os mesmos procedimentos mágicos dos visionários para criar um futuro verossímil, um amanhã muito comprometido com o passado mais recente. O narrador, entre o desatino e o humor mordaz, se compraz

14 Nas noites paulistanas da década de 50 a figura das “taxi-girls” eram bem-conhecidas, moças de origem humilde que dançavam por dinheiro nas casas noturnas.

15 Na latitude paulistana, maio é o mês representativo do outono. Nesse período sazonal, os raios solares estão em uma obliquidade que incide diretamente no rosto dos observadores, o que confere à paisagem uma luminosidade mais intensa; além disso, a massa de ar polar, mais fria, empurra a massa de ar mais quente para as regiões mais ao Norte do País, o que resulta céus com poucas nuvens e umidade, daí os céus de maio serem de um azul intenso e de uma luminosidade notável.

16 Luís Martins, *São Paulo lauda e meia*, *Revista para Todos*, segunda quinzena, jun. 1956.

em prever atrasos nos meios de transporte, em antecipar o esmagamento da população por impostos e em presumir os constrangedores erros dos governantes.

Tendo iniciado sua vigência no dia 1º de janeiro, é quase certo que a terminará normalmente a 31 de dezembro. Nele haverá muitos acontecimentos e morte. Vejo alguns desastres de aviação e inúmeros atrasos de trem na Estrada de Ferro Central do Brasil. Mais descontentamento no meio do povo, esmagado de impostos e sem saber onde está o dinheiro, por culpa de quem jamais o disse. Os advogados do Estado (coitadinhos!) exigirão novos aumentos, porque não foram contemplados na última reestrutura; depois, os médicos e engenheiros naturalmente farão questão de equiparação; uma vez conseguida esta, teremos outra vez os advogados reclamando aumento. E isso não acabará nunca, até a consumação dos séculos.¹⁷

Nas crônicas, observa-se uma **redundância temática significativa**. São acontecimentos que nascem e se repetem constantemente no caldo cultural e que, ao reincidirem, nos dão um caminho para o reconhecimento do mundo do qual a crônica é imagem espelhada. Nos estudos das crônicas, o retorno de um mesmo tema é, antes de tudo, uma significação e não uma falta de assunto. A insistência temática nos dá elementos para desconfiarmos de que um assunto específico possa estar intimamente ligado a estruturas mais profundas da sociedade, podendo mesmo caracterizá-la. Assim, por exemplo, podemos perceber que a **violência urbana** na sociedade brasileira vem de longa data.

A polícia terá pouco trabalho com os ladrões e fará novos e veementes apelos à população para que transforme suas casas em fortalezas inexpugnáveis, pois cada qual que cuide de si e Deus de todos. O sol continuará a nascer todas as madrugadas e os pássaros cantarão. Haverá noites de luar, idílios e romances. Das roseiras, a seu tempo brotarão rosas. (Grifo nosso).

Essa brutalidade dentro do tecido urbano parece também estar relacionada à indiferença da autoridade pública, desmandos narrados de maneira propositalmente displicente e que se dissolvem na monótona passagem do tempo. O descaso é em si aviltante, entretanto, está encravado numa banalidade cotidiana. A própria aproximação entre uma temática trágica e outra lírica – entre a violência urbana e a plácida roseira idílica – é o que surpreende o leitor. Não há mais distância entre o caos do mundo exterior e uma familiaridade segura e suave. A escrita quase arranca o leitor da sua sossegada intimidade doméstica para arremessá-lo à vileza da trama urbana e à abjeção da sua complexidade, já tão precocemente desacreditada.

17 Luís Martins, *Previsões para 50*, OESP, 17-1-1950.

O assunto: sujeito da crônica e do noticiário

O assunto é para o cronista a grande fonte para o desenvolvimento da sua literatura. Esse assunto nasce no cotidiano, nasce na banalidade do dia a dia. Ora é apenas notícia, matéria-prima a ser trabalhada pela vivência e pelo olhar sensível do artista. Porém, a notícia é essencialmente pretexto para a construção da crônica. Se o assunto pertence à crônica ou ao noticiário, será a habilidade estética do cronista que decidirá. As fontes das notícias são o próprio mundo que cerca seu produtor, o mundo do corriqueiro, o mundo das coisas ordinárias.

Na notícia, o assunto tende a esgotar-se na apurada técnica jornalística que descreve o fato e o transmite aos leitores ansiosos por serem informados dos novos acontecimentos. Já na crônica, o assunto, além de deixar as marcas do mundo sensível, também desliza de linha em linha e tece um novo universo: o mundo das figuras literárias. Talvez seja por isso que o uso corrente da expressão “falta de assunto” seja tão pertinente aos cronistas.

Deter-se apenas no assunto, não o expandir pelas apreensões subjetivas, não se servir de narras astutos e sagazes, portadores de múltiplas vozes que expandem os sentidos e as interpretações é o mesmo que abandonar a crônica em detrimento da reprodução dos fatos. Esse comprometimento do cronista com o mundo exterior e interior é que nos permite uma aproximação sensível com as paisagens urbanas.

Em um determinado momento, a crônica salta da banalidade para atingir camadas mais significativas da experiência humana. Pensamos que é durante esse mesmo momento que possamos presenciar, ou mesmo flagrar, o instante no qual a percepção do espaço muda em qualidade. Assim, há um deslizamento da percepção do espaço cotidiano – banal e corriqueiro – para a percepção de uma paisagem, plena de significação e de afetos.

A tensão na crônica parece clara. Ela nasce no cotidiano para dele se distanciar em significações subjetivas e transcendentas. Estabelecemos um paralelo semelhante com a paisagem: sua percepção se dá no momento em que se rompem as fortes amarras significativas do cotidiano.

Assim, se observamos os ecos da voz de Drummond na crônica de Luís Martins, entramos em contato com o singelo e o simples, onde se constrói o inusitado. Num momento, uma amendoeira e suas folhas podem apenas pertencer ao mundo vegetal, ao mundo ecológico ou agrícola. Em contrapartida, em outro momento, rom-

pido esse mundo das intimações objetivas, árvores e folhas podem se transformar em paisagem outonal, marcada pela decadência e pela melancolia.

Os grandes cronistas sabem fazer grandes crônicas sem assunto. De um deles já escreveu o meu homônimo Luís Jardim: “Não se dê assunto a Rubem Braga, e deixem estar que a sua prosa-poética quase nunca falha, convertendo o nada em tudo”. Carlos Drummond de Andrade vê uma simples amendoeira brincando de outono, com “algumas folhas amarelas e outras já estriadas de vermelho, numa gradação fantasista que chegava mesmo até o marrom – cor final da decomposição, depois da qual as folhas caem” – e dessa banalidade vegetal, visível aos olhos de qualquer um, faz um livro. Mas que fará, sem assunto, um cronista que não é grande?¹⁸

Muitos assuntos podem se tornar *assunto de crônicas*, entretanto, nem sempre os temas estão à mão do cronista ou diante de sua mesa de trabalho. A emergência da escrita, a necessidade de se retirar do mundo os assuntos para a crônica diária, faz com que o temário mais relevante sejam os fatos mais banais e mais próximos do cronista. Os assuntos passam a ser os fatos corriqueiros, o mundo próximo ao escritório, a casa ou as paisagens vistas através das janelas das casas e dos meios de transporte.

Outras tentativas frustradas faz o desgraçado [o próprio cronista]. Tudo pode ser assunto e todos os assuntos se prestam ao jogo gratuito das palavras: o mar, os lagos, os rios, as estrelas, as tardes, as primaveras e os fantasmas. Mas no escritório vulgar, os fantasmas não aparecem, a primavera recusa a florir, o crepúsculo é tão somente uma sombra na parede, as estrelas estão congeladas nas páginas dos livros de astronomia e lagos, rios e oceanos são apenas gravuras imóveis e impassíveis desenhos.¹⁹

Dentro desse cotidiano, muitas vezes intensamente tedioso, é que nasce a poesia que dará revestimento aos assuntos banais. Uma escrita que não apenas registra os fatos do mundo, mas que também tem a intenção de comover o leitor. É uma poética ligada ao cotidiano e que tenta surpreender, nos assuntos mais simples e repetitivos, o aprazível, o pitoresco, o perturbador ou mesmo o lírico. Expressões de uma sensibilidade que pode se ocultar em qualquer lugar e em qualquer momento.

Então, confinado no seu mundo doméstico, o cronista descobre a intensa e comovedora poesia das coisas cotidianas e vulgares, a mesa em que come, a escrivaninha em que escreve, a cadeira em que descansa, o livro que lhe desvenda os segredos da vida, a parede que é fronteira que o separa dos homens, a porta que é a possibilidade da evasão do contacto humano. A poesia mora em toda a parte. A questão é saber adulá-la e conquistá-la porque é esquiva, perigosa e fugidia como as ondas.²⁰

18 Luís Martins, *O senhor assunto*, OESP, 2-6-1960.

19 Luís Martins, *Poesia do cotidiano*, OESP, 25-9-1952.

20 Luís Martins, *Poesia do cotidiano*, OESP, 25-9-1952.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond. A vez de Luís Martins. *A tribuna*, Rio de Janeiro, mar. 1957.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, set. 1972.
- DIJK, Teun A. van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões acadêmicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LOPEZ, Telê Ancona. *São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade: 1920-1921*. São Paulo: Senac, 2002.
- MARTINS, Luís. Previsões para 50. *Jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17-1-1950.
- _____. Cenas de todos os dias. *Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17-5-1950.
- _____. Crônica de muito tédio. *Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20-1-1952.
- _____. Rua bela. *Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9-2-1952.
- _____. Poesia do cotidiano. *Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25-9-1952.
- _____. Numa tarde de chuva. *Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23-1-54.
- _____. À noite, na estrada. *Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22-6-1954.
- _____. São Paulo lauda e meia. *Revista para Todos*, Rio de Janeiro, segunda quinzena, jun./1956.
- _____. Neo-Romantismo. *Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4-2-1960.
- _____. O senhor assunto. *Jornal O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2-6-1960.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MOSCA, Lineide Salvados do Lago. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: _____. (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997.